



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## A noite na Lapa: questões sobre espaço urbano, territorialidades e *gentrification*\*

Natália Helou Fazzioni

Universidade de São Paulo

[nataliafazzioni@gmail.com](mailto:nataliafazzioni@gmail.com)

### Introdução

A Lapa é uma região do Centro da cidade do Rio de Janeiro e uma breve descrição de sua paisagem deve mencionar a existência de um conjunto significativo de monumentos e casario de reconhecido valor histórico; sendo seu símbolo mais notório os Arcos da Lapa, obra do Rio de Janeiro colonial, originalmente conhecido como Aqueduto da Carioca<sup>1</sup>. Nesse sentido, destacam-se também a sala para concertos Cecília Meirelles (antigo Grande Hotel da Lapa, atualmente em reforma), a Escola Nacional de Música (UFRJ), a Igreja Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, entre outros.

Pode-se dizer ainda que o local possui significativa popularidade no imaginário nacional devido, sobretudo, às já mencionadas edificações que congrega, bem como à centralidade que exerceu na vida cultural do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Tal período é fortemente relacionado com o estilo de vida boêmio, sustentado pelo universo de bares e cabarés existentes na época<sup>2</sup>. E também lembrado pelas manifestações artísticas e culturais que ali

---

\* Paper apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: “Diversidades e (Des)Igualdades”. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II Campus de Ondina. Grupo de Trabalho: Cidades Históricas e Culturas Urbanas.

- 1 Nos livros do tombo (IPHAN - Arquivo Noronha Santos), sobre a história dos Arcos da Lapa consta o seguinte: “O abastecimento de água para o Rio de Janeiro só foi resolvido no século XVIII, entre 1719 e 1724, com a execução da canalização das águas das nascentes do Rio Carioca, na administração de Aires Saldanha. Foram incluídas nessas obras a construção de um aqueduto entre os morros do Desterro (atual Santa Teresa) e de Santo Antônio, e de um chafariz com dezessete bicas no atual Largo da Carioca. Entretanto, só no governo de Gomes Freire, é que o aqueduto foi concluído. No final do século XIX, foi convertido em viaduto para os bondes de acesso a Santa Teresa. É uma edificação ciclópica de alvenaria, com dupla arcada, estendendo-se desde as faldas do morro de Santa Teresa, ao pé do convento das Carmelitas, até os remanescentes do morro de Santo Antônio, constituindo um dos mais importantes monumentos da acervo arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro.” (Acessado em 04/10/2006).
- 2 Duas coletâneas que reúnem textos sobre a Lapa foram fundamentais para conhecer as narrativas ligadas a esse período (Lustosa, 2001; Damata, 2007 [1965]). Ressalto, contudo, que estou ciente das diversas polêmicas que giram em torno desse período e dos elementos que o caracterizam, sobretudo o samba, a prostituição, a boemia e a malandragem, mas estas só serão analisadas na medida em que forem acionadas pelos agentes investigados no presente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ocorreram, assim como pelas personalidades que frequentavam ou moravam no bairro<sup>3</sup>. A soma destes fatores contribui para que a Lapa seja considerada uma localidade de referências fundamentais da memória e história da cidade do Rio de Janeiro.

Além disso, a Lapa é um local com um grande número de estabelecimentos comerciais tais como serviços básicos, pequenos mercados, bancos, padarias, antiquários, brechós, oficinas mecânicas, além de um hospital, duas faculdades, academias, hotéis, motéis e pensões e igrejas evangélicas<sup>4</sup>. Os limites com os bairros próximos como Santa Teresa, Glória, Bairro de Fátima e a área central de negócios não são claros para as pessoas que por ali circulam ou vivem, sendo possível encontrar diferentes versões para quais seriam os locais que fazem ou não parte da região – que apesar de não ser um bairro perante os registros oficiais da administração municipal, é assim considerado oficiosamente<sup>5</sup>.

A existência de equipamentos especificamente voltados ao lazer noturno (bares, restaurantes, casas noturnas e casas de show) sempre marcou a existência do bairro. Porém tal movimentação cresceu significativamente nos últimos anos; dados de pesquisa realizada pelo Data UFF em 2004 mostram que a Lapa possuía: “(...) 116 estabelecimentos do setor musical, teatral, gastronômico, antiquário, turístico e comercial de modo geral. Ao todo 110 mil pessoas frequentando o bairro por semana, gerando uma economia de aproximadamente 14,5 milhões de reais por mês” (Herschmann, 2007) – apesar de não possuir estatísticas oficiais, é certo que tais números cresceram no decorrer dos últimos sete anos.

Na esteira da abertura de tais estabelecimentos, outras formas de ocupação do espaço noturno, como comércio informal de bebidas e alimentos (através de vendedores ambulantes, mais comumente chamados de camelôs) também aumentaram, assim como a ocupação das

---

3 Cito alguns: Herivelto Martins, Benedito Lacerda, Wilson Neves, Noel Rosa, Geraldo Pereira, Madame Satã, Di Cavalcanti, Candido Portinari, Heitor Villa-Lobos, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Pixinguinha, Luís Martins, Vinícius de Moraes, Mário Lago, entre outros. (Lustosa, 2001; Damata, 2007 [1965]).

4 Todas as descrições foram feitas com base em minhas próprias observações durante o período em que pesquisei o bairro – cabe notar que tal pesquisa teve início em 2007, através de um projeto de iniciação científica intitulado Lapa (RJ): Mapeando Práticas e Discursos no Espaço Enobrecido – e desdobrou-se no projeto de mestrado agora desenvolvido.

5 Em sua dissertação de mestrado sobre estratégias de marketing urbano utilizadas no processo de “revitalização” do bairro, Araújo (2009) também chama atenção para o fato de tais fronteiras serem “móveis” e ainda variarem de acordo com usos diurnos e noturnos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

próprias ruas por jovens, que tornou-se uma das principais características da vida noturna do bairro aos finais de semana – dando origem ainda ao surgimento de inúmeras distribuidoras de bebidas no bairro, que ficam a noite toda abertas, nas quais é possível comprar qualquer tipo de bebida a preços bastante moderados, porém não há lugar para sentar. Considerando todos esses componentes, a Lapa tornou-se em meados dos anos 2000 em um importante palco para eventos culturais, encontros e apresentações de grupos de música e dança na cidade<sup>6</sup>, além de práticas cotidianas de sociabilidade (como paquera, reuniões de amigos, entre outros) e do mesmo modo, tornou-se passagem obrigatória para aqueles que fazem turismo no Rio de Janeiro.

\*

Quando da confecção do projeto que apresentava essa pesquisa, busquei realizar uma espécie de reconstituição da história dessa transformação a partir do material que obtive através da mídia sobre o fato, bem como outras pesquisas acadêmicas ou mesmo trabalhos feitos por encomendas de instituições culturais, associações comerciais e até a própria prefeitura do Rio de Janeiro (Alvarenga, 2006; Gobbi, 2004; Magalhães, 2006; Silveira; Vaz, 2006; Vianna, 2008).

Após tal reconstituição, notei a ausência daqueles que pareciam ao meu ver serem agentes fundamentais na dinâmica da mudança de tal espaço, os frequentadores. Amparada por uma bibliografia que entendia que a relação entre espaço e sociedade seria dialética – pois os usos do espaço tanto dependem das reais possibilidades físicas e simbólicas dadas para que se possa usufruí-lo, como igualmente tendem a configurar o espaço, suas representações seriam, portanto, reflexivas (Leite, 2006) – queria entender a posição dos frequentadores como agentes na transformação desse espaço. Aqui surgiria também a ideia de *territorialidade*, em oposição ao território social de identidade tematizado pela antropologia clássica, respeitando assim, a qualidade da *relação* do sujeito com o espaço e não uma primazia do indivíduo ou sociedade sobre o espaço e vice versa (Arantes, 2000). Entre outras discussões teóricas, uma das propostas era apoiar-me então na noção de *táticas* apresentada por Michel De Certeau (1994) que permitia compreender essa relação com o espaço através de ações cotidianas e não necessariamente

---

<sup>6</sup> Muitos grupos se encontram ali para ensaios ou apresentações e vários movimentos da juventude carioca tem início na Lapa, demonstrando a centralidade do local.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

propositais<sup>7</sup>.

Entrar em campo, contudo, implicou em encarar uma dificuldade empírica, qual seja a de contatar de maneira contínua frequentadores, que além de passarem pelo bairro em períodos espaçados também eram muitos e variados<sup>8</sup>. Procurei então de início contatar-me com outros interlocutores possíveis, a saber, comerciantes e moradores, entendendo que através destes poderia então chegar aos frequentadores. No entanto, a proximidade com tais interlocutores fez-me notar algo ainda mais interessante do ponto de vista analítico: a reconstituição do que havia ocorrido na Lapa da forma como era entendida por mim estava sendo o tempo todo confrontada pelas falas e práticas que pude observar nesses agentes. Amparei-me assim na ideia de que:

(...) bairros constituem unidades sócio espaciais problemáticas em si próprias. Permeáveis e contudo identificáveis não só nos ritmos de uma prática social quotidiana etnografável, como também nas imagens resultantes de uma *bricolage* coproduzida endógena e exogenamente; e, sobretudo, como participantes activos na permanente construção cultural das variadas mitografias, imagens e narrativas que cada cidade escolhe para se vestir – os bairros são lugares para se procurar, identificar, questionar, inquirir. (CORDEIRO; COSTA, 60-61, 2006 [1999])

Certamente se tivesse abordado os frequentadores apenas teria tido outras versões dessas relações que compõem o bairro, contudo, acreditei que a melhor forma de encarar tal problemática seria ampliando o recorte, o que mais adiante explicarei, significou nesse caso, ampliar a rede de análise e modificar a abordagem que havia sido proposta no início. Ao empreender metodologicamente tal proposta, portanto, as discussões realizadas por Bruno Latour (1994, 2005) foram fortemente inspiradoras.

Bruno Latour propõe uma retrospectiva crítica da filosofia com vistas a entender os problemas criados pelas ideias modernas, concluindo que é preciso desfazer-se dos “grandes

---

7 Michel De Certeau (1994), quando se dedica a pensar o espaço, entende que este é marcado por uma estrutura de poder solidamente consolidada, mas que não impede os indivíduos de utilizarem *táticas* para relacionarem-se cotidianamente com tais estruturas de poder. Estes atos não seriam necessariamente propositais, poderiam estar, por exemplo, nas ações cotidianas mais simples, a agência do espaço, por exemplo, poderia ser feita através do simples ato da caminhada.

8 Para um mapeamento desses frequentadores feito através de *survey* que levou em conta perfil socioeconômico, lugares de maior frequência e usos que fazem dele, ver Araújo (2009).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

divisores” por elas estabelecidos, sendo estes: o divisor interno (ocidental) que estabelece a divisão do mundo entre natureza e sociedade, e o segundo divisor externo, que projeta a divisão entre nós e os outros. Desfazendo-se desses pressupostos, veríamos que a sociedade é apenas uma das formas possíveis de conectar humanos e não-humanos e não um elemento explicativo para todas as outras formas. Latour espelha-se na proposição de uma antropologia simétrica pra construir uma forma de análise que considere *tecidos inteiriços* (como aqueles das sociedades tradicionalmente estudadas pelos antropólogos), constituídos por relações entre humanos e não-humanos.

Assim como outros autores de sua geração, Latour está preocupado em questionar a noção de social e sociedade<sup>9</sup>. Ele entende que as ciências humanas há muito estabilizaram o social como uma espécie de “cola” capaz de conectar todos os outros elementos além dele. O autor não propõe que nos livremos do social como relação, mas sim que consideremos outras instituições, procedimentos, conceitos, capazes de coletar e reconectar o social. Nesse mesmo sentido nestas relações (que chama de *coletivos*) deve haver o envolvimento de não-humanos e eles devem ser atores, ou seja, mais do que possuírem uma naturalidade causal ou simbólica, é preciso que eles exerçam alguma atividade dotada de agência – são essas ações, de humanos e humanos, que devem ser seguidas. Afinal, são os atores que revelam suas próprias teorias sobre o que é o social: “deve-se assim seguir os próprios atores” (Latour, s/p, 2005, tradução minha), reforça Latour. É o que ele propõe com uma *teoria-do-ator-rede* (mais conhecida como ANT, do inglês, Actor-Network-Theory), na qual nenhum dos termos pode ser compreendido se dissociado um do outro.

Aproximando-me de tal conceito, revi algumas das possibilidades aventadas inicialmente para a realização dessa pesquisa pois entendi que era necessário não procurar uma explicação da dinâmica do espaço da Lapa, dentro da qual os frequentadores agiriam de uma forma e outros atores de outra, de modo que compusessem um todo. A Lapa foi então tomada como uma relação, composta por outros conjuntos de relações, e o trabalho de campo realizado consistiu de alguma

---

9 Marilyn Strathern (1996, 2006) é outra autora referencial no questionamento da noção de sociedade, ela entende que tal ideia transformou-se em um conceito meramente retórico, ao ser visto como uma totalidade fechada, ou um todo composto pela soma de partes. Tal visão, reificaria a noção de sociedade, reificando também a de indivíduo, assim, a relação entre as duas noções seria marcada por uma dominação na qual de algum modo um modifica ou controla o outro. O conceito de *socialidade*, que a autora propõe como uma alternativa, implica, de forma geral, em considerar relações sociais como intrínsecas à existência humana; as pessoas portanto, contêm o potencial para relacionamentos e estão sempre situadas em um emaranhado de outras relações.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

forma em traçar associações, no caso aqui apresentado, analisar-se-á o caso de duas delas.

### **A rua de Marlene**

A Rua Joaquim Silva na Lapa é conhecida por aglutinar diversos casarões residenciais funcionando como ocupações e poucos imóveis que passaram por processo de restauro. É também caracterizada pelo fato de seus frequentadores noturnos e vendedores ambulantes ocuparem geralmente todo o espaço da calçada e do asfalto, tornando praticamente impossível a passagem de carros durante os finais de semana e um desafio também aos pedestres que tentam cruzá-la. A maior parte dos bares que ali existem são marcadamente populares, mas também frequentados por jovens universitários, turistas estrangeiros, entre outros. A rua abriga também as escadarias da Lapa<sup>10</sup> e por isso recebe um alto fluxo de turistas estrangeiros ao longo do dia. A maior parte de seus estabelecimentos comerciais são bares, tendo também alguns hotéis e pequenas lojas.

É importante ressaltar que ao entrar em contato com esse universo da Rua Joaquim Silva as questões da pobreza e da criminalidade passaram a aparecer com bastante frequência em meu campo. Encará-las significou não adentrar uma discussão por exemplo sobre classe social, mas ao mesmo tempo não recusá-la como uma categoria importante. Aqui foi bastante inspirador o pequeno artigo de Philippe Bourgois (2003) intitulado *Homeless in El Barrio*, que consiste basicamente na transcrição de uma entrevista feita com Ramón, um de seus interlocutores, no bairro marginalizado de Nova York antecedida por breves comentários do autor. Como atenta Fonseca (2005):

Ramón aparece como analista agudo de sua própria situação, um agente histórico que enfrenta ao largo de seu caminho obstáculos quase insuperáveis. Os comentários de Bourgois, não se desapegam dos dados etnográficos. Não há hiatos lógicos na

---

10 A escadaria da Lapa, ou Escadaria Selarón, começa na Rua Joaquim Silva e conecta a Lapa ao Convento de Santa Teresa. O espaço começou a ser decorada pelo artista plástico chileno Jorge Selarón em meados dos anos 1990. A decoração consiste em estampá-la com azulejos coloridos, muitos deles fazendo referência a outros países. Desse modo, a escadaria tornou-se um importante ponto turístico da cidade, além de já ter sido utilizada diversas vezes para filmagens de vídeos, programas de televisão e cenários fotográficos. Informação disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Escadaria\\_Selar%C3%B3n](http://en.wikipedia.org/wiki/Escadaria_Selar%C3%B3n)> (Acessado em 20/05/2011).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

conclusão. (FONSECA, 130, 2005, tradução minha)

Minha chegada em tal contexto, deu-se através de Marlene, secretária de um projeto social chamado MEC (Movimento Educação e Cultura, promovido pelo Circo Voador<sup>11</sup>) em que dei aulas de inglês, mas que já conhecia anteriormente em razão de uma entrevista que fiz com ela alguns anos antes. Quando entrevistei Marlene, o MEC tinha sido fundado há um ano e aquele era um momento novo na vida dela, trabalhando pela primeira vez com carteira assinada – ela e o filho trabalhavam como camelôs e vendiam cerveja do lado de fora do Circo Voador, quando o Circo foi reaberto, o filho de Marlene foi trabalhar dentro da casa de shows e Marlene foi convidada para trabalhar no MEC.

Na ocasião em que a conheci ela me contou que veio do Maranhão para o Rio de Janeiro ainda muito jovem, mas já com dois filhos, estabeleceu-se aqui como manicure e depois acabou tornando-se camelô. Além disso, a fala de Marlene e interrupções de pessoas passando a porta e conversando com ela me mostraram claramente já naquele momento que tratava-se de alguém fortemente envolvida com uma comunidade local<sup>12</sup>. Marlene, no entanto, me contou que havia deixado de trabalhar como vendedora ambulante devido ao crescimento de tal movimentação na Lapa e também havia parado de organizar o que chamava de “brincadeiras” que fazia na rua, como feijoadas e peixadas, pela mesma razão. Entendi, portanto, que ela era fortemente afetada pela mudança ocorrida no bairro, apesar disso não ter feito com que ela se distanciasse da comunidade, mas apenas se deslocado para outros espaços, como por exemplo, o do MEC.

Ao entrar em contato com o cotidiano de Marlene no projeto na retomada do contato, inicialmente segui com a mesma impressão, pois o papel exercido por Marlene no MEC vai muito além daquele exercido por uma secretária comum, ela controla de maneira rígida a entrada e saída dos alunos, chamando todos pelo primeiro nome e os chamando atenção no caso de terem faltado a uma aula, ou esquecido de levar o livro. Curiosamente, sempre faz questão de me contar

---

11 O Circo Voador foi uma casa de shows que marcou a juventude carioca dos anos 1980, sendo em um primeiro momento instalado em uma tenda provisória no Arpoador e em seguida transferido de forma fixa para a Lapa. Em 1996 foi fechado pela prefeitura, até ser reaberto em 2004 através de uma ação movida pela produtora Maria Juçá que obrigou a Prefeitura a reconstruir o espaço, até hoje é Juçá quem administra o local. Além da casa de shows, o Circo possui projetos sociais na região, como o MEC, uma creche e a Escola Livre de Artes (ELA) (Gobbi, 2004).

12 Descrevo e analiso esse primeiro contato com Marlene de maneira mais detalhada em Fazzioni (2009).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sobre a trajetória dos alunos dizendo: “esse não presta, já começou o curso várias vezes e nunca termina”, ou ainda: “aquele rapaz ali é camelô, você acredita? Viu como ele é esforçado? Eu conheço a mãe dele, a família dele”.

Foi, no entanto, fazendo uma observação noturna da dinâmica da Rua Joaquim Silva em uma sexta-feira a noite que minha percepção sobre a relação de Marlene com a Lapa começou a ser ampliada. Soube que haveria um bloco de carnaval<sup>13</sup> que se apresentaria nas escadarias da Lapa e fui até o local para assistir. Surpreendi-me quando passando na rua em frente a casa de Marlene vi que lá estava ela sentada em um banco com um isopor de bebidas para serem vendidas na frente. Perguntei então o que ela fazia ali e ela disse: “toda sexta-feira estou aqui”. E eu disse, mas daquela vez que conversamos você me disse que não vendia mais na rua (referindo-me a entrevista). Ela então responde:

Sim, parei porque tiveram umas brigas, eu me chateeí, começou a aparecer outras pessoas. Mas aí me chamaram para voltar, porque sou eu que organizo aqui, ninguém vende aqui se eu não autorizar. Meu nome lá na Prefeitura é importante, eu que vou nas reuniões. Você sabe, eu é que comecei tudo aqui, antes não tinha nada, só tinha ladrão, era tudo escuro, eu que comecei, organizava um pagode embaixo dos Arcos, te contei, não foi? <sup>14</sup>

Realmente, Marlene havia me falado de sua atuação pioneira como ambulante há alguns anos, mas não sabia que ela seguia exercendo a atividade. Marlene então puxa uma outra cadeira para que eu sente ao seu lado e ficamos ali conversando, pergunto a ela até que horas ela costuma ficar vendendo cerveja e ela diz que até 5h da manhã pelo menos. No meio da conversa somos interrompidas por uma senhora que chega bastante nervosa dizendo que mais uma vez tinham estacionado o carro no local onde ela colocaria sua barraca, ela dizia a Marlene que acreditava ser de propósito pois o carro nunca estava parado ali, apenas às sextas-feiras, dia em que a rua é mais

---

13 Nota-se que isso foi após o carnaval, no Rio de Janeiro é muito comum que os blocos de carnaval sigam fazendo algumas apresentações após o carnaval e muitas antes do início do mesmo. A Lapa, como é ponto de concentração de vários destes, fica completamente efervescente nesse período. O bloco nesse dia era o “Planta na Mente”, cujo repertório são paródias de marchinhas falando sobre uso e cultivo de maconha. A escadaria é onde o bloco se concentra evidentemente por ser um ponto de consumo bastante comum entre os jovens.

14 Reconstituo de maneira aproximada a fala de Marlene.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

movimentada e pedia para que ela falasse com o dono do carro antes que perdesse o controle. Depois que ela saiu, perguntei a Marlene se existiam moradores que não gostavam da movimentação da rua e por isso faziam coisas desse tipo, como parar o carro em um lugar onde normalmente haveria uma barraca. Ela me diz que antigamente isso acontecia, mas agora tinha melhorado, “mas antes, tinha até gente que chamava a polícia, inclusive uma aluna sua que mora ali”, ela me conta apontando para o prédio em frente aos Arcos.

Por coincidência, no dia anterior eu havia saído da aula conversando com uma aluna, Maria, mais conhecida por todos como Raia, ela me convidou para o aniversário de seu filho, também meu aluno, que seria no domingo e quis me mostrar onde era sua casa, para que eu não tivesse problemas em encontrá-la no dia da festa. Quando chegamos no prédio comentei com ela que mais cedo tinha visto uns homens fazendo uma reforma logo embaixo do prédio e fiquei curiosa para saber o que abririam ali. Raia então me disse, “vai ser uma pizzaria, graças a deus, finalmente vão abrir algo decente aqui”, eu pergunto o que era antes e ela me diz que era um bar que foi fechado por apreensão de drogas. Pergunto a Marlene se ela sabia dessa história, e ela me desconversa, diz que o local foi fechado pois o dono foi roubado e não pôde arcar com o prejuízo.

Apesar de serem ambas moradoras antigas da região, é importante notar a forma pela qual essas duas interlocutoras estabelecem relações diferentes com o espaço da Lapa. É impossível, no entanto, não dissociar essas relações com a trajetória de vida de ambas, Raia é corretora de imóveis, enquanto Marlene, sempre dependeu do trabalho na rua para sobreviver. Não quero com isso reduzir suas relações com o bairro a uma questão meramente econômica, pois como ver-se-á adiante, a relação de Marlene extrapola completamente tais limites.

Passei a notar que durante o tempo em que dava aulas, Marlene sempre estava sentada em um banquinho que deixava na rua e nunca dentro do espaço do projeto. Passei então a ficar com Marlene ali fora antes de minhas aulas. Em função dessas observações, ficou claro que além de conhecer praticamente todos que passam pela rua, ela desempenha uma importante atividade em uma extensa rede de fofocas ali existente, da qual parece de alguma forma ser catalizadora, recebendo e distribuindo a partir do ponto privilegiado que ocupa na rua sentada em sua cadeira. A maioria delas gira em torno de brigas e histórias de relacionamentos entre homens e mulheres – tapas, facadas, amantes, traídos e traídas, rejeitados e rejeitadas, tudo passa por ali.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Em uma ocasião estava sentada com Marlene quando passou uma garota de aproximadamente vinte anos usando apenas uma calça jeans, um top e um casaco amarrado na cintura. Marlene então disse como de costume “Oi, amor”, e em seguida “veste a blusa, te cobre garota que hoje tá fazendo frio”, de fato fazia um pouco de frio e ventava bastante. A menina então atendeu prontamente as ordens de Marlene e começou a vestir a blusa. Enquanto isso, Marlene disse a ela, “olha, a PM acabou de passar aí, pegaram um viu, revistaram três e levaram um”. A menina pareceu pouco abalada com o fato e disse a Marlene, “É, hoje é o Chagas que tá de ronda, é só dar uma graninha que ele libera, não vai dar em nada não”. Ela então saiu andando e quando lhe perguntei do que se tratava ela desconversou, não comentei mais o caso pois percebi que ela não queria que eu fizesse parte daquele tema.

Já havia percebido que durante a noite o uso de maconha era presente em quase toda a rua, no entanto, não tinha ainda me dado conta de toda uma dinâmica diurna de tráfico de drogas que ocorre independente do policiamento que ocorre na Lapa 24 horas ao dia, como demonstrado no relato acima. Não pretendo contudo, como já citado, analisar ou problematizar tal questão em termos da discussão sobre criminalidade, mas sim entender como isso aparece na dinâmica daqueles que estabelecem suas relações com a rua.

Naquela mesma semana, fui passar um tempo com Marlene na sexta a noite enquanto ela vendia cerveja. Ficamos conversando sobretudo sobre alguns problemas que o projeto estava atravessando em termos estruturais e ela comentou comigo que tinha pedido a coordenadora que encontrasse alguém para arrumar um buraco que foi feito na parede da casa gerando infiltração. Quando ela foi me explicar sobre o buraco ela disse: “um buraco que esse pessoal que vende tóxico aí na rua fez, você sabe que tem, né?”. Senti que de alguma forma isso resguardava relação com o episódio ocorrido durante a semana que Marlene de início tentou esconder, mas logo notou que era algo muito evidente e eu perceberia. Nessa mesma noite, a polícia militar que sempre faz rondas na rua revistou vários jovens que estavam ali. Um tempo depois dois rapazes pararam ao lado do isopor de Marlene, ela olhou bem fixamente para os dois e eles logo saíram, ela então me disse: “aqueles dois estavam achando que iam fumar maconha aqui do lado, botava eles pra correr num minuto”

Todas essas descrições da forma através da qual Marlene constrói sua relação com a rua e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

as pessoas que por ali passam são cruciais para entender como ela também se movimenta com relação as mudanças ocorridas na Lapa. Se em um primeiro momento, Marlene se afasta de suas atividades na rua cansada do excesso de vendedores e confusões, em seguida ela retorna não apenas como ambulante noturna, mas também como secretária do MEC o que lhe permite continuar durante todo o dia na rua (antes de ser secretária, ela vendia bebidas a noite e doces ao longo do dia, em frente a sua casa). Ainda que prefere que o uso de drogas não seja feito ao seu lado, não deixa de referir-se a menina ligada ao tráfico como “amor” e lembrando-lhe que é melhor vestir a blusa, independente de qual seja a atividade desempenhada pela garota, ela faz parte de uma rede de relações caras à Marlene.

\*

No início de Junho anunciei aos alunos e a Marlene a minha ida de volta a São Paulo no mês seguinte. A partir desse momento começaram a definir-se alguns eventos em torno da minha partida e do fim das aulas, Marlene queria organizar uma festa de despedida, além de me convidar para dançar na quadrilha que ela organiza durante as festas de São João, ela também me pediu para que eu tentasse ir embora somente depois do aniversário dela, no final de Julho, pois seria uma festa imperdível. Marlene costuma organizar festas na rua, justamente entre o espaço de sua casa e do MEC, tive a oportunidade de estar em uma delas, o aniversário de seu neto João Vitor, que é criado por ela e faria 12 anos. Quando ela me convidou eu perguntei se a festa seria na sua casa e ela logo respondeu: “Não, minhas brincadeiras são todas na rua mesmo”.

A festa aconteceu em um domingo no fim da tarde, Marlene espalhou algumas mesas entre as duas calçadas, do lado de sua casa e do lado do projeto, ela serviu além de feijoada, salgadinhos e doces – as bebidas, contudo, ela vendeu no mesmo isopor que costuma vender nas sextas-feiras a noite. Em frente a sua casa Marlene deixou um rádio ligado com alguns CDs ao lado, a maior parte das músicas tocadas eram pagodes como Alcione e Jorge Aragão. Ela vestia roupas bastante elegantes e circulava o tempo todo entre uma mesa e outra conversando com todos, na hora dos parabéns me pediu para que tirasse uma foto dela com João em frente ao bolo azul todo decorado, a foto que tirei tinha o bolo, Marlene e João e ao fundo, a Rua Joaquim Silva e os Arcos da Lapa.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## O negócio do Samba

Paralelamente ao momento em que dei aulas na Rua Joaquim Silva, acompanhei um evento que seria promovido pelo Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) intitulado “Lapa de todos os Sambas” cuja duração seria de cinco meses, contando com aproximadamente um espetáculo por mês. De acordo com a divulgação do evento, tratava-se de:

“(…) série que revive o início do movimento de jovens músicos na Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, no final dos anos 1990, que provocou a revitalização da área e a sua relação com a música e a boemia. (...) Ao realizar Lapa de todos os Sambas, o Centro Cultural Banco do Brasil celebra a trajetória de músicos ligados ao samba e oferece ao público a oportunidade de refletir sobre a história desse importante ritmo da música brasileira e sua relação com a cidade e a vida cotidiana” (Informação retirada do folder de apresentação do evento)

Vale ressaltar que já é um fato bastante conhecido a “consolidação de um circuito cultural de samba e de choro na Lapa” (Herschmann, 24) nos últimos dez anos – fenômeno amplamente noticiado pela imprensa carioca, bem como nacional. Tal tema também inspirou alguns trabalhos acadêmicos como o de Micael Herschmann<sup>15</sup>. Em formato de estudo de caso, o pesquisador da área de comunicação analisa o processo através do qual surgiram casas de espetáculos que investiam em samba e choro na Lapa em meados dos anos 1990 e com elas foi retomado o interesse do público por esses gêneros, gerando assim um círculo frutífero de investimentos a eles ligados, envolvendo músicos, gravadoras e casas de show. O produtor Lefê de Almeida, proprietário da casa Empório Brasil (mais conhecido como Empório 100) na Lapa, é identificado pelo pesquisador como um pioneiro nesse movimento, que em sua visão teve “sucesso alcançado sem uma participação mais efetiva do estado, a partir da articulação espontânea dos empresários locais que gravitam em torno da Accra (Associação dos comerciantes do centro do Rio Antigo) e

---

15 Cabe notar que existem outros trabalhos recentes sobre a questão da música na Lapa atualmente : Góes (2007) procura de maneira similar a Herschmann explicitar o circuito ligado ao choro na Lapa; Requião (2010) por outro lado demonstra, em uma análise iluminada pelo marxismo, a exploração da mais-valia entre os músicos trabalhadores da Lapa, vitimizados pela falta de legalização no ramo – o estudo de caso empreendido pela pesquisadora focaliza as relações de trabalho no bar Rio Scenarium; e por fim, Frydberg (2010) analisa a descoberta da cidade através da experiência de jovens músicos na Lapa e em Alfama (Lisboa).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de lideranças importantes”. Outro aspecto ressaltado por Herschmann é o fato da promoção dessas casas ter sido feita basicamente através da internet, o que também daria indícios de que o público atraído seria “um público segmentado, de classe média, com alto nível de escolarização e de informação” (Herschmann, 26, 2007). O grande potencial atrativo do bairro seria a música de raiz – ainda que o autor problematize a noção de invenção das tradições – ele entende que a articulação entre um passado e um futuro da Lapa e do samba e choro promove uma espécie de sentimento de reterritorialização dessas pessoas com relação a sua experiência na cidade. Herschmann explica:

é como se os frequentadores da Lapa consumissem uma espécie de parque temático de raiz nesta localidade, tivessem acesso ali a uma experiência de imersão e de fruição de alto valor agregado em que a música ao vivo e a paisagem arquitetônica do Rio Antigo são ingredientes fundamentais (HERSCHMANN, 37, 2007)

A análise feita por Herschmann, localizando os frequentadores da Lapa como consumidores de uma Lapa cheia de passado e sonoridade brasileira, é crucial aqui não para que seja confrontada com uma visão adquirida por mim como pesquisadora que mostraria outra faceta de tal relação, mas sim para entender como essa visão informa e faz parte da construção de relações que constroem uma determinada representação da Lapa.

Desse modo retorno ao evento do CCBB para descrever as constatações feitas ali. O evento contava com duas edições diárias, uma ao meio-dia e outra às 19h, em todos os dias que pude comparecer o teatro atingiu lotação máxima nos dois horários e os ingressos sempre esgotavam no mesmo dia em que eram disponibilizados para venda, com uma semana de antecedência<sup>16</sup>. A estrutura das apresentações as 19h dava-se da seguinte maneira, uma rápida conversa entre o jornalista João Pimentel e os músicos e em algumas ocasiões um terceiro convidado era incluso nesse bate-papo, geralmente proprietário de alguma casa na Lapa. Em seguida havia uma apresentação musical de aproximadamente uma hora e ao fundo do palco no

---

16 No primeiro dia em que estive lá apresentei-me ao organizador do evento, Leonardo Conde, e notifiquei-lhe da minha presença com o intuito de pesquisar o tema, cogitando a possibilidade de posteriormente realizar uma entrevista com ele. Até agora, pude acompanhar o evento em três ocasiões, nos dias 01/3/2011, 05/4/2011 e 07/6/2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

telão eram exibidas fotografias da Lapa (na apresentação de meio-dia ocorriam apenas as apresentações musicais, por isso priorizei acompanhar as sessões noturnas).

Na noite em que a banda Casuarina se apresentava, o convidado era Perfeito Fortuna, presidente da Fundação Progresso<sup>17</sup>. João Pimentel deu início a conversa apresentando Fortuna, nesse momento então fez uma brincadeira dizendo: “O Perfeito todos sabem, é um dos pioneiros da revitalização na Lapa, mas hoje em dia todo mundo diz que foi pioneiro na Lapa, então a gente nem sabe mais”, a platéia riu e começaram as questões de Pimentel. Ele dirigiu-se ao vocalista do Casuarina, também chamado João, e à Fortuna perguntando de que forma eles achavam que havia começado a “retomada” da Lapa – foi esse precisamente o termo utilizado por Pimentel. Fortuna começou dizendo que a música possuía um papel fundamental, pois nos anos 1980, após o período militar, “a cidade finalmente começava a respirar e a Lapa então por ser um lugar central, que não era de ninguém, pôde tornar-se um ponto de encontro da juventude pois não havia problema em fazer barulho como nos bairros residenciais”<sup>18</sup>. É nesse momento que o Circo Voador instala-se ali, ainda não havia nada com exceção da casa Asa Branca, conclui Fortuna, dizendo que poderia passar horas falando sobre a Lapa, mas prefere deixar o grupo cantar. João, do Casuarina, então começa dizendo que chegou em outro momento, bem depois daquele narrado por Fortuna, já no final dos anos 1990, ele diz “a Lapa já existia”. Nessa época os bares existentes, de acordo com João eram o Semente e o extinto Empório 100, foi quando ele começou a frequentar como espectador. Nessa época, destacavam-se no cenário da Lapa os músicos Eduardo Galotti dos Anjos da Lua que tocava no Empório 100 (Galotti está na plateia e recebe uma salva de palmas), além de Teresa Cristina que tocava no Semente – com seu grupo que não por acaso ficou conhecido como Grupo Semente. E reforça: “como disse o Perfeito esse movimento foi convergindo para a Lapa porque lá era um lugar não-residencial, abandonado”.

Em outra ocasião, a conversa de João Pimentel foi com Tiago Alvim, proprietário da casa

---

17 Sobre a história da Fundação Progresso, consta na página oficial da instituição: “Ao lado do Circo Voador, uma antiga e desativada fundição de fogões e cofres estava sendo demolida. O ato de destruir um prédio tão lindo, antigo, inteiro e grande, era demais para os integrantes do Circo Voador, um grupo que valorizava a cultura brasileira de todas as épocas. (...) A fundição foi mantida de pé. A presença do Circo era tão marcante na cidade que, em 1987, a Prefeitura e o Estado concederam a ele o uso do espaço da fundição”. Mais tarde, no entanto, após o fechamento do Circo, a Fundação passou a funcionar autonomamente com gestão de uma ONG presidida por Perfeito Fortuna, que antes também fez parte do Circo Voador.

18 Anotei na íntegra alguns trechos das conversas que assisti no evento Lapa de Todos os Sambas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Carioca da Gema e os músicos Elisa Adoor e Markley Matos, ambos foram vencedores de um concurso promovido pelo Carioca da Gema desde 2006 intitulado: “Jovens Bambas do Velho Samba”. Tiago Alvim é apresentado por Pimentel como “um dos que estava lá desde o início” e pede para que ele conte um pouco dessa experiência. Alvim, que é sobrinho de Lefê de Almeida, também esteve envolvido no Empório 100, que ele diz ter sido um bom laboratório de aprendizagem para ter um negócio na Lapa. Seu envolvimento com o local começou no momento em que foi levado para assistir em 1996 o samba que acontecia em um local chamado Arco da Velha e ficou encantado. Então quis logo promover uma festa em uma casa que possuía em outro bairro, foi então que Lefê de Almeida o aconselhou dizendo: “o samba não vai a qualquer lugar”, completando que esse seria um negócio no qual é muito fácil cometer erros. Ele então diz que fez uma aposta no samba e na Lapa a partir de então, desde o Empório 100 até o Carioca da Gema que teria sido um esquema mais profissional e com tendência mais moderna. Ele reforça: “O Carioca da Gema tem seu sucesso no samba e somos meio radicais nisso. Essa é a aposta”.

Sabe-se que a noite na Lapa não é constituída apenas por casas que dão lugar ao samba e ao choro, além da existência de outras casas que tocam rock e blues, a programação da Fundação Progresso e do Circo Voador também contemplam esse estilo em algumas ocasiões. Mais do que isso, no entanto, a experiência sonora que se tem ao caminhar nas ruas da Lapa em uma sexta-feira a noite é completamente eclética, para não dizer confusa – seria inútil tentar mapear os inúmeros gêneros musicais que é possível ouvir vindo dos muitos bares ou mesmo do camelô que vende caipirinhas amparado pelo som que instala em sua barraca. Quero ressaltar com isso que o samba não é o único estilo musical da Lapa, mas é um componente fundamental, ou melhor, um *agente* na composição de uma rede bastante fortalecida como demonstraram os contatos anteriores, sendo assim objeto de tantas disputas e debates e também tornando-se de alguma forma uma relação poderosa dentro do bairro.

## Conclusão



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A ideia de dois mundos, ou ainda duas relações, que compõe um mesmo bairro foi o que quis mostrar aqui através desses dois breves casos analisados a partir de minha experiência de pesquisa na Lapa. É evidente que há nesses relatos uma dimensão conflitiva, podemos dizer que são “lugares em guerra” (Arantes, 2010), um que insiste na ideia de um lugar vazio para poder clamar para si o descobrimento desse espaço, outro, que por sua condição marginal, ajusta-se às mudanças e a representação dominante desse local. Mais do que isso, no entanto, quero recuperar um debate que entende que enquanto de um lado a antropologia e a sociologia preocuparam-se muito tempo com a análise da cidade normativa (urbanística, administrativa, estatística), chegando com isso às especulações sobre o fim da cidade e o fim do espaço público a partir do modernismo, uma outra chave de leitura propõe compreender a cidade através de outro meandro, do ponto de vista, ou “sobre os ombros”, como propõe Michel Agier (2008, 2009), do cidadão<sup>19</sup> - a cidade vivida, a cidade sentida, a cidade em processo. O autor esclarece tal ponto de vista e o que quer dizer quando propõe uma antropologia *da* cidade:

(...) dizem que já não há cidade hoje em dia, que é o fim da cidade, e ao mesmo tempo dizem que a cidade não faz mais sociedade. Então prefiro inverter a pergunta e interrogar, como é que os grupos, as sociedades, ou mais precisamente as situações, as ações fazem a cidade. E por isso eu preciso me destacar de uma de uma representação dominante da cidade que diz que a cidade é o que é institucional, funcional, formal, material, constituída como a imagem que nós temos da cidade. (AGIER, 21, 2008)

Deslocamos o olhar da cidade para o cidadão e a pergunta inverte-se: de o que *é* a cidade, para o *quê* ou quem *faz* a cidade. A ênfase que quis dar aqui quando descrevi tais relações não é ao conflito e sim de uma relação contínua e permanente de fazer a cidade que está embutida nos dois casos analisados, seja essa a cidade que aparece nos jornais ou a cidade que circula entre a vizinhança de Marlene.

---

19 A noção de *cidadino* proposta inicialmente pelos teóricos da Escola de Chicago é recuperada por alguns autores contemporâneos tais como Michel Agier e Isaac Joseph (2005 [1998]). A respeito dessa figura Frúgoli Jr. (2007) escreve: “Ele não se reduz a figura do transeunte, mas como aponta Isaac Joseph (1944-2004), tampouco coincide obrigatoriamente com a do cidadão (embora possa vir a assumir tal condição) (...)” (Frúgoli Jr., 2007, 7).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## Bibliografia

**AGIER**, Michel. “*Lugares e redes – As mediações das culturas urbanas*”. In: Godoi, E.P, Niemeyer, A.M(orgs). *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_ “O 'Acampamento', a cidade e o começo da política”. In: CORDEIRO, Graça Índias, VIDAL, Frédéric (orgs.). *A Rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

\_\_\_\_\_ *Esquisses d'une anthropologie de la ville: lieux, situations, mouvements*. Louvain-la-Neuve, Bruylant-Academia, 2009.

**ARANTES**, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

**BORGOUIS**, PHILIPPE. Homeless in El Barrio. In: BOURDIEU, Pierre (org). *A Miséria do Mundo*. Vozes: São Paulo, 2003.

**CORDEIRO**, Graça Índias, **COSTA**, Antonio Firmino. “Bairros: Contexto e Intersecção”. In: **VELHO**, Gilberto (org.) *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. pp.58-79

**DAMATA**, Gasparino (org.). *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem*. Rio de Janeiro: 2007 [1965].

**DE CERTEAU**, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

**FAZZIONI**, Natália. *Mapeando Práticas e Discursos: sobre a experiência de campo na Lapa (RJ) e da tentativa de compreender a noção de gentrification*. In: Revista Ponto Urbe 5. Ano 3: Dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.pontourbe.net/edicao5-graduacaoemcampo/123-mapeando-praticas-e-discursos-sobre-a-experiencia-de-campo-na-lapa-rj-e-da-tentativa-de-compreender-a-nocao-de-gentrification-2008>

**FONSECA**, Claudia. La Clase y su Recusación Etnográfica. *Etnografías Contemporáneas*, Buenos Aires, 1, 1: 117-138 (2005).

**FRYDBERG**, Marina. “Alfama não cheira a fado, mas não tem outra canção ou Tudo isso é a alma do Rio, é samba: As cidades descobertas através do samba, do choro e do fado”. In: *Revista Ponto Urbe 7. Ano 4: Dezembro de 2010. Disponível em:*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

<http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/108-alfama-nao-cheira-a-fado-mas-nao-tem-outra-cancao-ou-tudo-isso-e-a-alma-do-rio-e-samba-as-cidades-descobertas-atraves-do-samba-do-choro-e-do-fado>.

**FRÚGOLI JR.**, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

**GÓES**, Claudia. “O choro na Lapa: comunicação, movimento musical e “revitalização” do Rio Antigo”. Revista Os Urbanitas Vol 4, nº5, 2007. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/osurbanitas5/Goes2007.html>> (Acessado em 20/07/09)

**HERSCHMANN**, Micael. *Lapa, cidade da música: desafios e perspectivas para o crescimento do Rio de Janeiro e da indústria da música independente nacional*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

**LATOURE**, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: ED. 34, 1994.

\_\_\_\_\_ “Introductory Chapter” to *Reassembling the Social* (2005). Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/livres/xii.chapter%20intro%20ANT.html>

**LEITE**, Rogério Proença. *Contra-Usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2004.

\_\_\_\_\_. “Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano”. In: Andrade, L, Frúgoli Jr., H (orgs) *A cidade e seus agentes: práticas e representações*. Belo Horizonte: Edusp e Editora PucMinas, 2006. p. 23-44

**LUSTOSA**, Isabel (org.). *Lapa do desterro e do desvario: uma antologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

**MAGALHÃES**, Roberto Anderson de Miranda. “Distrito Cultural da Lapa”. Artigo disponível em: <<http://www.inepac.rj.gov.br/arquivos/LapatextoSite17.10.2005.pdf>>. (Acessado em 22/07/09)

**SILVEIRA**, Carmen; **VAZ**, Lilian “A Lapa Boêmia na Cidade do Rio de Janeiro: Um Processo de Regeneração Cultural? Projetos, Intervenções e Dinâmica do Lugar”. In: Heliana Comin Vargas; Ana Luisa Howard de Castilho. (Org.). *Intervenções em Centros Urbanos: Objetivos, estratégias e resultados*. São Paulo: Manole, 2006. p.67-99

**REQUIÃO**, LUCIANA. *Eis aí a Lapa: processos e relações de trabalho do músico nas casas de*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*show da Lapa. São Paulo: Annablume, 2010.*

**STRATHERN, M.** “For the motion (1): The concept of society is theoretically obsolete”. In:  
INGOLD, T (org). *Key Debates in Anthropology*. New York: Routledge, 1996.

\_\_\_\_\_ *O Gênero da Dádiva*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2006.

#### **Sites consultados:**

Clube dos Democráticos: <<http://www.clubedosedemocraticos.com.br/>>

Arquivo Noronha Santos/ IPHAN: [www.iphan.gov.br/ans.net](http://www.iphan.gov.br/ans.net)

Pólo Cultural Novo Rio Antigo <<http://www.novorioantigo.com.br/>>

Fundação Progresso <[www.fundicaoprogresso.com.br](http://www.fundicaoprogresso.com.br)>

Portal Samba e Choro: <<http://www.samba-choro.com.br/casas/395>>

#### **Material de mídia:**

ALVARENGA, Telma. “A Lapa e outras surpresas: Bairros esquecidos pela indústria da construção mostram seu valor no mercado” *Revista Veja Rio*: 29/03/06

FOLHA ONLINE. “Operação da polícia prende 13 acusados de tráfico na Lapa (RJ)”. *Folha Online*: 25/04/2003. (Acessado em 15/03/2010)

GOBBI, Nelson. “Circo Voador volta oficialmente ao calendário cultural do Rio”. *JB on-line*: 13/07/04 (Acessado em 08/09/09)

GREGNANIN, Carol. “Blue Man faz espetáculo com 800 negros nos Arcos da Lapa”. *Moda Terra*: 06/06/06 (Acessado em 15/13/10)

O DIA ONLINE. “Assalto e morte no Centro”. *O Dia online*: 11/02/2009.

O GLOBO. “Eduardo Paes entrega restauração dos Arcos da Lapa”. *O Globo Online*: 26/03/2011. (Acessado em 08/06/2011).

O GLOBO. “Rua do Lavradio ganha quarteirão cultural”. *O Globo online*: 23/11/2007. (Acessado em 08/06/2011)

O GLOBO. “Corpo de turista morto na Lapa será cremado nos EUA”. *O Globo*: 28/05/2007.

O GLOBO. “Candidatos apresentam suas propostas para reduzir a desordem urbana na Lapa”. *O Globo on-line*: 18/07/2008 (Acessado em 15/07/09)

O GLOBO. “Prefeitura anuncia primeiras medidas do Lapa Legal nesta quarta-feira.” *O Globo*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*on-line*: 24/06/09 (Acessado em 15/07/09)

PIMENTEL, João. “Samba de Semente”. *O Globo*: 13/04/2008.

RÊGO, Patrícia Sá. “Feira Rio Antigo acontece neste Sábado no Centro”. *O Globo on-line* 01/09/06 (Acessado em 15/03/2010).

RODRIGUES, Charles. “Polícia estoura ‘boca de fumo` em bar na Lapa”. *O Dia online*: 05/09/09.

VASQUES, Tutty. “Ninguém é Perfeito: crônica”. *Veja Rio* 02/11/05

VIANNA, Luiz Fernando. “A reinvenção da Lapa” *Folha de São Paulo*: 06/01/2008